

A *Estudos Feministas* está cheia de novidades. Com o presente número, ela atualiza seu projeto inaugurado há dois anos, ao pôr em vigor a proposta de editoria rotativa. A revista está agora alocada no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/UFRJ, que em convênio com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), através da sua atual editora, são os suportes institucionais desta publicação bem sucedida de discussão multidisciplinar sobre a problemática do gênero.

A REF trouxe para o mercado editorial de revistas acadêmicas a inovação de ser um periódico não diretamente institucional, propondo-se a contemplar a multiplicidade de orientações que singularizam a área de estudos de gênero no país. Ela espelha o formato flexível adotado pelo *gender studies* no Brasil que inclui núcleos de estudos sobre a mulher e gênero no contexto das universidades e focos informais de pesquisadoras distribuídas em diversos centros de pesquisa e formação intelectual. A *Estudos Feministas* é uma experiência de êxito que pôde acontecer através do apoio fundamental da Escola de Comunicação, do Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos (CIEC) da UFRJ, de Katia Carvalho e Heloisa Buarque de Hollanda e do empenho infatigável, talento empreendedor de sua editora anterior, Lena Lavinias.

O Conselho Editorial, responsável pela qualidade dos artigos e debates que a REF traz a público, também passa por mudanças. De acordo com o projeto inicial, ele foi renovado em 50% com a inclusão de Alice de Paiva Abreu, Céli Regina Pinto, Miriam Moreira Leite e Angela Arruda. A Bila Sorj, Maria Odila Silva Dias e Maria Lucia de Barros Mott, o reconhecimento pelo trabalho competente e envolvimento sincero com os destinos da revista.

As inovações também se refletem na inclusão de textos em espanhol. Atendendo a sugestões de driblar a barreira tênue mas persistente entre as línguas do continente, passamos já no número anterior a trazer resumos em espanhol. Agora, ainda mais empenhadas na ampliação do intercâmbio com a América Latina, trazemos artigos na língua original, esperando que as contribuições sejam numerosas e incessantes.

Na verdade não há mudanças, mas fidelidade à proposta da *Estudos Feministas* no meio acadêmico: servir como lugar de convergência da produção intelectual de ponta, empenhada em que a discussão sobre gênero cumpra a promessa de revitalizar o conhecimento nas ciências humanas e sociais e, ao mesmo tempo, voltar-se para as demandas da sociedade, ser um canal de expressão e aprimoramento da discussão feminista.

É com esse intuito que a IV Conferência Mundial da Mulher - Desenvolvimento, Igualdade e Paz - é o assunto de nosso dossiê. Como segmento dedicado a um diálogo mais direto com o movimento feminista e de mulheres, o dossiê acolhe enfoques que trazem atualidade, debate e polêmica. A idéia norteadora foi a de uma avaliação do processo de organização das mulheres para a IV Conferência que aconteceu em Beijing, China de 4 a 15 de setembro de 1995, antecedida pelo Fórum de Organizações Não-Governamentais que ocorre de 30 de agosto a 8 de setembro.

A última conferência do século das Nações Unidas sobre a condição das mulheres acontece em uma conjuntura que sinaliza para retrocessos diante dos avanços alcançados em outras reuniões. A linguagem consagrada em conferências anteriores, que abordavam ainda que indiretamente o tema da desigualdade entre os sexos, tem sido esmaecida ou evitada na Plataforma de Ação que chega a Beijing para ser discutida pelas delegações oficiais. Formulações como desenvolvimento sustentável, erradicação da pobreza, saúde como direito humano, a igualdade e a equidade entre homens e mulheres em todas as esferas da vida têm sido colocadas entre colchetes, o que no jargão dos acordos internacionais significa ausência de consenso.

Avaliar o porquê desse retrocesso, a história das conferências preparatórias (PREPCONS), a ação das agências internacionais nesse processo e a articulação das redes internacionais de mulheres e ONGs para tal contexto é nossa intenção. Assim alinham-se as contribuições de Gina Vargas, na qualidade de Coordenadora do Foro de ONGs de America Latina y el Caribe), de Rosiska Darcy de Oliveira, nova presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, entre outras.

Levantar os impasses e fazer a reflexão avançar é a intenção que se estampa na presença de um ponto de vista enfocando o tema que tensiona e enriquece o pensamento feminista - igualdade e diferença. Ficaram faltando nesse painel algumas vozes, ainda que tenham sido convocadas, tais como as dos grupos que discutiam a pertinência da agenda internacional para o movimento de mulheres brasileiro e a própria Articulação Nacional de Mulheres Brasileiras rumo a Beijing. O debate está aberto e esperamos que prossiga nos próximos números.

Uma última palavra. À Fundação Ford, que renovou o apoio a este projeto a um só tempo acadêmico e do movimento de mulheres, e à Fundação Universitária José Bonifácio, que assegurou a transição entre os financiamentos, indispensáveis parceiras, o agradecimento pelo suporte à continuidade dessa idéia-realidade de pensar e mudar o lugar subordinado do feminino.

Maria Luiza Heilborn